

O México, enfrentando melhor a dívida.

James L. Rowe Jr., do *The Washington Post*.

No dia 31 de maio, o México informou os seus principais bancos emprestadores que estava conseguindo resultados financeiros tão bons que não necessitaria do dinheiro deles.

Nesta mesma data, banqueiros e o Fundo Monetário Internacional disseram ao Brasil que o seu desempenho estava sendo tão ruim que ele não poderia receber os 1,1 bilhão de dólares previstos a serem entregues a este país nesta data.

Por enquanto, o programa de adaptação econômica do México parece estar funcionando muito melhor do que o do Brasil.

— Eu sempre achei que a situação no México não era tão ruim quanto fomos levados a crer — declarou um dos principais banqueiros norte-americanos. — Da mesma forma, eu nunca acreditei em que as coisas estivessem tão bem no Brasil quanto os brasileiros queriam que acreditássemos no outono do ano passado.

Isto foi antes do Brasil seguir o exemplo do México e informar aos seus credores que não poderia pagar seus débitos em tempo e apelando para uma ajuda junto ao Fundo Monetário Internacional.

Os motivos

No entanto, os banqueiros dizem que o relativo sucesso do México com o seu programa de adaptação — planejado para reduzir a necessidade do país contrair empréstimos no Exterior — pode ser atribuído à força de sua economia até o último mês de agosto.

O México disparou como consequência de suas exportações de petróleo, até que a "bolha de petróleo" estourou em 1982. O Brasil, por outro lado, sentiu os efeitos da recessão mundial desde os seus princípios em 1980.

— Só se pode exigir um determinado nível de sacrifício do povo após uma longa recessão. O México foi capaz de adotar algumas medidas rápidas, como o corte das importações, que o Brasil já tinha adotado anteriormente — disse um importante economista de um dos principais bancos norte-americanos.

O México e o Brasil são os dois maiores países devedores do mundo, sendo que cada um deles está devendo quase 90 bilhões de dólares. Eles ocupam os primeiros lugares numa lista de países — entre os quais também estão a Argentina, o Peru e o Chile — que se viram incapazes de pagar suas dívidas externas.

Todos estes países fizeram acordos com o Fundo Monetário Internacional para adotar severas medidas internas com a finalidade de restringir suas necessidades de contrair dívidas externas. Em troca disto, o Fundo Monetário Internacional e os bancos emprestaram mais dinheiro a estes países e os banqueiros facilitaram os termos de pagamento das dívidas vencidas.

Efeitos devastadores

No entanto, o efeito dos acordos sobre as economias domésticas pode ser devastador.

Eles exigem que os governos reduzam acentuadamente seus subsídios para os consumidores e que as indústrias reduzam os déficits do setor público. Eles exigem fortes desvalorizações da moeda para tornar as importações mais caras e as exportações mais baratas, para que os países possam reconstruir suas reservas de divisas.

O resultado destas medidas — e de outras — é deflagrar recessões, um elevado índice inflacionário e um menor padrão de vida para as vastas quantidades de cidadãos empobrecidos e para as classes médias, relativamente pequenas.

— O Brasil simplesmente não vai conseguir aceitar isto; eu, pelo menos, não acho — disse um importante banqueiro que se mostrou simpático em relação às dificuldades que este país terá em engolir o remédio do Fundo Monetário Internacional. O Brasil anunciou uma nova série de medidas de austeridade no mês passado, mas os economistas dizem que, a não ser que o governo pare com a prática de ajustar os salários ao índice da inflação, ele nunca será capaz de romper o ciclo inflacionário que continua forçando a necessidade de empréstimos do setor público.

Ao mesmo tempo, as próprias desvalorizações aumentam a inflação e aumentam também as pressões internas sobre o governo brasileiro para que ele mantenha os aumentos salariais equiparados aos aumentos dos preços.

Três anos de recessão e de inflação causaram uma erosão na disposição dos brasileiros em aceitar mais sacrifícios. As inquietações trabalhistas no Brasil estão aumentando cada vez mais. Está semana, os trabalhadores do setor petrolífero começaram a agitar-se contra as últimas medidas de austeridade.

Os mexicanos

A recessão mexicana de um ano de duração — deflagrada por grandes desvalorizações do peso e de cortes nos subsídios governamentais — reduziu as importações a tal ponto, em maio, que o país apresentou um superávit comercial de dois bilhões de dólares e foi capaz de abrir mão dos 1,1 bilhão de dólares que os seus banqueiros estavam dispostos a emprestar ao país. Apesar de os preços do petróleo terem diminuído de forma acentuada, as exportações de petróleo continuam representando uma fonte constante, se bem que reduzida, de renda para o México.

Mesmo assim, a inflação mexicana está se aproximando do nível dos 100% — para termos de comparação, ela era inferior a 30% em 1981 — e o país adotou novas medidas para apertar os cintos na semana passada; estas novas medidas irão servir para reduzir ainda mais as suas dívidas do setor público, no entanto, elas provocarão um aumento da inflação e aumentarão também os fardos que precisam ser suportados pelos segmentos mais pobres da população.

O México reduziu os subsídios sobre as tortillas e sobre o pão. As tortillas de milho custam agora aproximadamente cinco centavos a libra-peso (aproximadamente meio quilo), ao passo que antes custavam cerca de três centavos. Neste mesmo período de tempo, o preço do pão branco duplicou.

Jesus Silva Herzog, o ministro mexicano das Finanças, declarou, numa entrevista concedida há vários meses atrás, que o México seria capaz de adotar um programa severo de adaptação, causador de uma recessão, no máximo durante mais dois anos sem que ocorram revoltas internas.

Um banqueiro norte-americano concordou com isto. Ele observou que o programa auto-imposto de adaptação no Brasil teve início há três anos atrás. "É possível que a capacidade do Brasil neste sentido já esteja chegando perigosamente ao fim."

Ele disse ainda que o Brasil necessita de termos mais fáceis do que os que ele aceitou no seu acordo com o Fundo Monetário Internacional. Ao mesmo tempo, disse ele, será politicamente muito difícil, ou até mesmo impossível, que o Fundo Monetário Internacional e os bancos facilitem as condições que foram impostas ao Brasil, sem que eles dêem estas mesmas concessões a outros países também.